

Álvaro de Campos

## **Campina e trigo, campina,**

Campina e trigo, campina,  
Campina e trigo.)

Como ao som de uma marcha ao mesmo tempo marcial e fúnebre,  
[...] e alegria e temor  
Rompem...  
A vida é antagonismo, [...]?

Queda de impérios, tudo a fugir... sangue, ruídos... tumultos  
Amontoamentos de coisas pilhadas num saque,  
Despesas junto das cidades, entre casas caídas,  
Choros, raivas, inferno de som,  
A vida e a sua tragédia toda vivida num dia, numa hora...  
Todo o mistério e horror de nos acontecerem coisas  
Todo o horror de quem vive sossegado e de repente vê a morte  
Vê o inferno, [...]  
(Pobre de [...]!)  
Tudo quebrado, tudo ferido, tudo diverso de quando era normal a vida...

(Ditosos os que morrem logo depois de nascer  
E para quem a luz da vida não é mais do que um relâmpago no horizonte!)  
(Poder pensar claro neste assunto!  
Poder ver bem e sem sofrer ser outro o que é isto!  
Ah quem me dera ter o coração ampliado e arrumado  
Como um interior de casa de família de gente que tem com que viver!)  
E o ruído dos saques, o fragor das batalhas, os choros, as mágoas, os (...)  
Os choques dos homens  
São um mar de confusão onde a nossa lucidez se afunda.  
Perco-me de compreender...  
Apanho-me nessa tragédia de pasmo humanitário.

s. d.

“Ode Marcial”. Álvaro de Campos — Livro de Versos . Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993: 223c.